



JUNTÓ PARA MOVER SANKOFA ESCREVIVÊNCIAS DO PERFORMER EM DIÁSPORA AFRICANA

JUNTÓ FOR TO MOVE SANKOFA

JUNTÓ PARA MOVER SANKOFA

Erick Santos

Erick Santos

Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Mestre. Pesquisa concluída em 2022. Dança
e Diáspora Africana: expressões poéticas,
políticas, educacionais e epistêmicas,
profa. Dr^a. Maria Lurdes Barros da Paixão.
Bolsa CAPES. Erick Santos é Performer em
Diáspora Africana e Artista da Cena.

E-mail: ei.santos.rck@gmail.com.

Resumo

Apresento, através desta pesquisa, o viés afrorreferenciado e suas dinâmizações para a criação cênica. O projeto desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (PPGDAN-UFBA) toma como aportes principais os fundamentos da ancestralidade, o *adinkra Sankofa*, a cosmopercepção que abrange o ser por inteiro e o candomblé para uma composição artística-acadêmica centralizada, e como ponto de partida o corpo, este sendo negro, candomblecista, periférico, interiorano e às margens da sociedade. É urgente e mister que a criação cênica esteja pautada nos próprios fazeres, nas inspirações e no embasamento teórico-prático no e a partir do ser negro em nosso território. As metodologias amalgamadas são a “escrevivência” e a “autoetnografia” aplicadas nas Artes das Cenas, ambas articuladas aos materiais do próprio pesquisador no diálogo com a base teórica e a prática junto à escrita, o Juntó. O objetivo desse nó é desatar caminhos ancestrais afrodiaspóricos nos fazeres das artes cênicas.

Palavras-chave: Ancestralidade, Cosmopercepção, Performer, Juntó, Sankofa.

Abstract

This research presents an afro-referenced perspective and its catalytic effects in performing arts. It is developed in the Postgraduate Program in Dance at UFBA, and it is founded on the premises of Ancestry, the Sankofa adinkra, the cosmoperception that encompasses the whole being, and Candomblé. All these premises are centralized on and has as its starting point the black body, a body that is also candomblecist, peripheral to the margins of society, and grown up on the countryside. It is urgent that performance be guided by the very doings, inspirations and theoretical-practical basis of being a black person. The employed methodologies are Escrevivência (self-writing) along with autoethnography applied in the Performing Arts, bringing materials from the researcher practice in dialogue with the theoretical basis; practice together with writing, therefore: the Juntó. The purpose of this knot is to untie ancestral Afro-diasporic paths in performing arts.

Keywords: Ancestry, Cosmoperception, Performer, Juntó, Sankofa.

Resumen

Presento, a través de esta investigación, el sesgo afroreferencial y sus dinámicas para la creación escénica. El proyecto desarrollado en el Programa de Posgrado en Danza PPGDAN-UFBA tiene como principales aportes los fundamentos de la ancestralidad, el Sankofa adinkra, la cosmopercepción, que abarca todo el ser y el Candomblé, para una composición artístico-académica, centrada en el cuerpo negro, candomblecista, periféricos, rurales, al margen de la sociedad. Es urgente y necesario que la creación escénica se base en las propias acciones, inspiraciones y fundamentos teórico-prácticos en/y desde las personas negras. Las metodologías elegidas son: Escrivência, autoetnografía, aplicadas en las artes escénicas, ambas articuladas con materiales propios del investigador en diálogo con la base teórica y la práctica junto con la escritura, Juntó. El objetivo de este nudo es desatar caminos ancestrales afrodiaspóricos en las artes escénicas.

Palabras-clave: Ascendencia, Cosmopercepción, Performer, Juntó, Sankofa.

A pesquisa que emaranha raízes ancestrais sempre em andamento corrobora com a pauta em questão. A dissertação de mestrado é intitulada “**Juntó Dançando Sankofa:** Escrivência na Dança Africana-Brasileira”, e traz perspectivas pretas necessárias para o desenvolver artístico usando a transversalidade de áreas de estudos que recai no corpo e parte através dele. Dito isso, são utilizadas as Filosofias Africanas, por exemplo o *adinkra Sankofa*, o Candomblé e a Ancestralidade, como agenciadores para o fazer artístico-teórico. A escrita é elencada no crescer de um Baobá, pois assim enraízo no chão de memórias que pulsa dos meus pés e que fomenta o meu corpo e se partitura na escrita da dissertação. A metodologia fica com a Escrivência de Conceição Evaristo junto à autoetnografia advinda da antropologia, pois elas são alicerçadas pelo viver em comunidade e sentidas e transpassadas pelo corpo e a partir do corpo, esse sendo do Performer e pesquisador em diáspora africana, enfatizando as vivências do ser brasileiro enraizado na cultura africana-brasileira.

Sob essa perspectiva apresentada, vamos contra o projeto colonial, pois escrevo a minha própria história e a história dos que me antecederam.

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. (Kilomba, 2020, p. 28)

Se a pessoa leitora ler verbos colocado em primeira pessoa, não estranha, trata-se de uma metodologia escolhida para ir contra um projeto colonial e a não adequação para ser contada: “[A] metodologia, o falar em primeira pessoa é fundamental. O histórico pessoal com a questão em pauta não é vazio nem burocrático. É um chamado profundo de onde resulta sempre uma narrativa que não se nega ou se adequa para ser contada” (Petit, 2019, p. 15). *Aguo o Baobá – a dissertação* – com relatos familiares das pessoas que me antecederam, do laço sanguíneo e das memórias contadas pelo meu avô Alverino Pedro dos Santos, pela minha mãe ancestral Ivete Lourdes dos Santos e pela minha tia Ivone dos Santos. Com isso, os estudos agenciam via *Sankofa*: o de olhar para trás, presentificar e caminhar para o futuro.

Torna-se imprescindível que a seiva que alimenta o Baobá seja a partir da cultura negra, no recolher e ir atrás dos conhecimentos das mais velhas e dos mais velhos, na valorização da tradição e da intuição, no direcionamento do caminho, no abraço maternal e fraternal amparados pelos *Vodun* e *Òrișà*. A seiva é o movimento centralizado na **ancestralidade**, das pessoas e das suas cosmopercepções¹ que me antecederam, elas com suas memórias de dores, resistência, resiliência e alegrias. O sistema escravagista brasileiro tentou dilacerar, endemoniar, embranquecer e velar esse legado ancestral, apagando as contribuições na história através de uma estratégia branca, como ensina-nos o ancestral:

No sentido de apagar da lembrança do afro-brasileiro a horripilante etapa da história brasileira do escravagismo, a camada dominante no Brasil

1. Cosmopercepção, em inglês *World-sense*. A tradução dessa nomenclatura é feita por Wanderson Flor do Nascimento (OYÉWUMÍ, p. 1, 2002).

não tem poupado esforços. Com essa providência se conseguiriam vários benefícios: primeiro, aliviaria a consciência de culpa dos descendentes escravocratas, os mesmos que ainda hoje continuam dirigindo os destinos do país; segundo, simultaneamente ao desaparecimento do seu passado, o negro brasileiro assistiria também à obnubilação de sua identidade original, de sua religião de berço e de sua cultura, o que resultaria na erradicação da personalidade africana e do orgulho que lhe é inerente. (Nascimento, 2019, p. 110)

Esse escravagismo me impossibilitou de conhecer e me enraizar no chão ancestral do conhecimento, dificultando e impedindo o acesso a memórias, sabedorias afrodiaspóricas, forças e estratégias nossas, junto à resistência e à resiliência das nossas epistemologias negras, processo esse que continua até hoje. Com o plano escravocrata, podemos citar no nosso contexto o branqueamento, o embran(es)quecimento e o encarceramento mental. Logo, pensando sobre esse prisma, questiono: Por que não centralizarmos a nossa cultura latente aqui neste território² para o fazimento das nossas Artes Cênicas? “Juntó Dançando *Sankofa*” pretende tatear anseios na afrorreferência e na centralidade do corpo diaspórico, pois a cosmopercepção³ atravessa esse corpo de Performer em diáspora africana-brasileira e descendente de tal. Na trajetória da pesquisa, diálogo e corroboro com a autora subsequente, e o encantar reside e parte da ancestralidade. Assim, posso (re) encantar e movimentar o meu corpo e criar cenas junto dela, expurgar o que tiver que ser, transformar e encantar o que por eles foram desencantados.

O encantamento é, pois, uma política de sentidos, implicação que leva a produções epistêmicas, ações inclusivas, currículos reflexivos, descolonizados e plurais, potencializando nosso pertencimento. [...] Assim, o encantamento caracteriza-se por ser a estética do viver bem... das experiências que tecem o bem-viver, ser em movimento, em comunidade, no coletivo, em uma relação íntima com nossa ancestralidade, nosso pertencimento, nossa espiritualidade. (Somé, 2003 *apud* Machado; Petit, 2020, p. 3-4)

2. Território enquanto Brasil; território enquanto corpo.

3. O termo cosmopercepção é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. (OYĒWUMÍ, p. 3, 2002).

Utilizo **Juntó** para acoplar epistemologias negras e impulsionar o meu corpo-pensar. Juntó é uma nomenclatura encontrada nas comunidades de matrizes africanas, significando duas ou mais energias que se juntam para o nascer, o cuidar e o caminhar. Transcrevemos essa dinâmica para a pesquisa como áreas do conhecimento que parecem distintas, mas que junto para poder expressar minha identidade por inteiro. Na afroperspectiva⁴, uma está atrelada a outra, uma depende da outra, uma alumia e cuida da outra, assim como é o Juntó dentro do Candomblé. Juntó estimula a criação, move e agencia a cosmopercepção afro-brasileira na objetividade de uma escrita junto à (des)construção subjetiva, que é tecida via as práticas no laboratório teatral e nos ensaios, emaranhando um processo artístico através do qual o performar *Sankofa* se apresenta.

A pesquisa, a partir de nossas escolhas epistemológicas, vai ao encontro do movimento contra colonial de Nêgo Bispo, desde o momento das escolhas referenciais (do costurar composições de artistas pretas diaspóricas) até a maneira como organizamos a dissertação, no formato de um Baobá. Essa dinâmica se torna para mim pesquisAmor⁵, uma transcendência dos limites e das dores com que a sociedade moldou; assim, consigo, através da inspiração que emana e da escolha de centralizar a ancestralidade junto à espiritualidade africana-brasileira, romper e girar a chave da criação para o compor artístico. Contracolonizar também se efetiva ao trazer no compor da escrita da dissertação outras referências fora do âmbito acadêmico, como sabedorias pretas do cotidiano, ensinamentos do Candomblé e poesias e letras de músicas de pessoas negras artistas que exaltam a riqueza cultural diaspórica e enfatizam as resistências e a resiliência de séculos.

Desejo uma escrita-ação que move e agencia as nossas maneiras de sentir, estar e agir no mundo com o viés das filosofias africanas da diáspora intercontinental. Cosmopercepções unidas nessa cabaça criativa, nesse involucro ancestral de onde surgiu a vida e de onde brota a minha/nossa arte, donde nasce o mistério e o encantamento e todas as nossas vias de recepção

4. Termo adotado por Renato Nogueira.

5. Pesquisador para PesquisAmor: um jogo de palavras parafraseando a composição: "Assim transformo dores em diamantes." da cantora Bia Doxum, transformando as dores da colonização em inspiração para o fazer artístico-acadêmico, (re)encantando o caminho. (Música: Catingueira de Bia Doxum, 2019).

e emissão corporal, incluindo a imaginação e a intuição. Nessa cabaça criativa concebida, o que baila são movimentos e energias, desejos e encantos que juntos criam e dançam minhas vertigens de memórias e filosofias de vida candomblecista. Compartilho o desejo de poder mergulhar, experimentar e vazar pelos poros do corpo em cena: “Meu anseio é mergulhar nesta filosofia do corpo que, por sua natureza, não tem fim nem começo. Ela é um eterno presente significado pela ancestralidade.” (Oliveira, 2021, p. 123).

Para que isso ocorra de modo efetivo, centralizo a ancestralidade africana-brasileira no corpo e na inspiração que advém dela no intuito de fazê-la se tornar verbo, como impulsionadora de desejos, de cognições de movimentos, de um mover a ancestralidade e desaguar na apresentação da performance.

Para os objetivos da pesquisa ocorrerem, trago conceitos brotados do nosso chão para dar mais apoio à reflexão e permitir que as raízes desse Baobá se afundem. Dialogo, assim, com a epistemologia da afrorreferência para um pautar negro nos currículos educacionais:

Um currículo afrorreferenciado está marcado pelas cosmopercepções, ou seja, modos de perceber e sentir, pensar de corpo inteiro; em outras palavras: corpo e pensamento em ação. Desse modo, tal currículo é delineado por nossas percepções e vivências oriundas de nossa ancestralidade africana, de seus valores e encantos que perpassam nosso cotidiano. (Machado; Petit, 2020, p. 10)

É então nesse gingado que busco os encantos alicerçados na cultura afro-brasileira, trazendo para o meu fazer as nossas raízes, na trilha e nos caminhos africanos-brasileiro de ser, estar, sentir, operar, criar e mover no mundo. Logo, os conceitos epistemológicos e metodológicos diaspóricos nos permite chão e âncora para o processo de criação e apresentações do ofício.

Pensar desde a cultura africana é construir nossos pensamentos, nossas epistemologias tendo a ancestralidade como o chão que nos sustenta. Ancestralidade crivada de encantamento, pois este é o fundamento e o não-fundamento, é a condição para o acontecimento ser. A ancestralidade é quem dá base, é quem sustenta, é o sentido da existência, da cosmovisão africana, ela é a forma e o encantamento é o seu conteúdo. (Machado, 2019, p. 246)

Com isso, acredito que é por essa via do encantamento residida na ancestralidade negra que combato a monocultura europeia, pois trago epistemologias africanas e africana-brasileiras para a roda de reflexões acadêmicas, levando-as para fora desse círculo na forma de criações artísticas em debates, oficinas, vivências e palestras para que assim, como um todo, consigamos subverter a hegemonia branca através do tensionar e desestabilizar, cada vez mais podendo nos ver nas bases referenciais aportadas em nossas matrizes. “É por onde podemos reverter a ideologia da branquitude, da monocultura. Assim, o encantamento é quem produz sentido/s para as coisas que estão dadas” (Machado, 2019, p. 206).

Para haver a quebra dessa angústia, emprego o conceito de Oyèrónkẹ Oyěwùmí: a **cosmopercepção**. Essa premissa certamente desestabiliza e se contrapõe à cosmovisão ocidental branca que enfatiza a racionalidade, excluindo outras maneiras de sentir, conhecer e agir no mundo, inclusive silenciando o corpo. Eu, diaspórico e candomblecista que sou, percebo o nosso território não apenas pela visão e pela racionalidade centrada nas evidências dos fatos, como eles fazem, mas por um conjunto entrelaçado e dançante envolvendo todo o meu corpo, uma multissensorialidade constante, sem esquecer da imaginação, da intuição, da espiritualidade e da nossa força vital: o Àṣẹ.

O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, “cosmovisão” só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e “cosmopercepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos. (Oyěwùmí, p. 3, 2002)

Seguindo o mesmo raciocínio, retorno a Adilbênia Machado e a Sandra Petit quando falam sobre o currículo afrorreferenciado para enraizar a cosmopercepção e a perspectiva do e sobre o corpo.

Um currículo afrorreferenciado está marcado pelas cosmopercepções, ou seja, modos de perceber e sentir, pensar de corpo inteiro; em outras palavras: corpo e pensamento em ação. Desse modo, tal currículo é delineado por nossas percepções e vivências oriundas de nossa

ancestralidade africana, de seus valores e encantos que perpassam nosso cotidiano. (Machado; Petit, 2020, p. 24)

Para mover essa ancestralidade por inteiro e livremente, preciso partir das minhas cosmopercepções de mundo, e não dos moldes de outros. Necessito dialogar com pessoas afrodiáspóricas e centralizar as minhas movências artísticas junto a ancestralidade para criar meus processos artísticos e fixar as pequenas cenas para a performance, pois “Não se pode dançar com facilidade num envoltório emprestado” (Santos, 2019, p. 57).

Destarte, encarno o encanto que vem da ancestralidade e que por ela é produzido e conduzido para realizar dançando as aforreferências refletidas no corpo, a fim de emancipar as nossas variadas negritudes. Desse modo, consigo cosmoperceber⁶, isto é, transcender os sentidos limitantes instalados pela cultura cristã e cartesiana, afirmando que a ancestralidade é mais do que a gama dos ancestrais que vieram antes de nós. Ancestralidade é o eu-corpo que se atualiza em junção com o corpo-comunitário, é a irmã mais velha, a avó e também aquelas que não estão mais no *Àiyé*⁷. Ancestralidade é a linha que se conecta dentro de uma Casa de Axé, é a continuidade uma e diversa; ela é o movimento, é o impulso e a inspiração, a força coletiva.

A ancestralidade transpassa nosso sangue, transcende a concepção de tempo e toca o mito, indo ao encontro de minha bisavó, por exemplo, e mais distante, conectando-se às cidades sagradas africanas de onde as pessoas ancestrais foram sequestradas, como *Ọyó* na Nigéria e o antigo reino do Daomé, atualmente o Benin.

Ancestralidade não pode ser definida apenas como uma árvore genealógica, está muito além disso, ela percorre a linha sanguínea do tempo e firma-se na existência. Ela é uma forma respeitosa de honrar e (re)lembrar dos nossos antepassados. Para as pessoas pretas a ancestralidade é a chave que abre os portais de sua realidade histórica, filosófica, linguística e culturalmente para um projeto de povo. Ancestralidade é mais que uma reflexão, ancestralidade é um princípio filosófico que rompe os muros da academia e chega até a cadeira de sua avó ou de seu avô como voz de sabedoria que conta através de suas oralituras – leituras de oralidade – a compreensão da sua existência. (Ribeiro, 2020, p. 3)

6. O autor brinca e transforma em verbo o conceito de Cosmopercepção de Oyèwùmí (2002).

7. *Àiyé* significa mundo físico e terra em *Yorùbá*.

O corpo, esse cerne ancestral da matriz africana, por si já é uma anterioridade:

É ancestral, pois o corpo é uma anterioridade. O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido. Ancestralidade é tradição, e não se pode entender o corpo sem tradição uma vez que este é um baluarte de signos e, dessa forma, a produtora da semiótica que significa os corpos. (Oliveira, 2021, p. 122)

Logo, concebo a dissertação e a prática corporal artística desde a nossa cultura e ancestralidade negra através da centralidade da pessoa afro-brasileira, cheia de memórias-raízes que se ramificam e ganham o tom epistemológico do desejo de pensar/criar, com muita magia, encanto e também dores. Pois, como arremata o autor acima citado, “A história dos ancestrais africanos permanece inscrita nos corpos dos afrodescendentes” (Oliveira, 2021, p. 122).

A maioria da população preta brasileira tiveram seu passado arrancado pela colonização; pessoas com suas memórias, crenças e modos de sentir a vida foram sucumbidas pelo tempo e pelo homem. Particularmente, cresci sem uma perspectiva de passado, de histórias vividas que me antecederam. Depois, já na rota de *Sankofa*, vasculhei a memória ainda presente e doada por meu avô, adentrando-me nas memórias de celebrações da vida dos ancestrais e das deidades que aprendo a todo instante com o Candomblé a cultuar e vivenciar. Logo, o meu passado foi roubado e sucumbido por toda a mistura que sofri, todas as leis proibitivas dos batuques e pelo preconceito ainda hoje entrelaçado nesse tronco. Assim, recorro à *Sankofa* para (re)preencher as lacunas das memórias estilhaçadas e conseguir com elas e através delas criar movimentos, cantos, velocidades e estados do ser necessários para uma performance cênica.

Existe um ditado *fon* (etnia do Benim) que diz mais ou menos assim:

Aquele que não sabe onde vai, tem que saber pelo menos de onde vem. [...] o significado mais amplo dele é que quando estamos perdidos numa jornada, voltar para trás para nos revigorar na fonte, e em seguida retomamos o caminho mais determinados e seguros. (Yayi, 2020, p. 8)

A partir desse movimento de voltar para trás para revigorar, atualizar e inspirar é que evoco *Sankofa*. Porém, esse voltar não é um querer retroceder

para o passado, mas sim recuperar as sapiências ancestrais que estão contidas lá e personificá-las aqui nesse território.

A referência à África não deve ser entendida como volta ao passado, mas como necessidade fundamental para a construção de uma identidade própria, viva, tanto no presente, como na perspectiva de um futuro melhor, para os filhos [diaspóricos] deste continente. (Nascimento, 1996, p. 19)

Percebo *Sankofa* pelo prisma diaspórico brasileiro, sendo um convite, uma chave deixada pela ancestralidade, uma mensagem de que seria preciso olhar para trás (novamente) para revisitar e ressignificar todos esses conhecimentos que nossos ancestrais sentiram na pele e que estavam sendo enterrados. Saliento que falo do ponto de vista de pessoas pretas que foram trazidas da África à força, sendo descendente dessas, pois nos países onde os *Adinkra* foram criados se tem outra dimensão de *Sankofa* e também outras interpretações que somente um ganês ou alguém ligado à etnia *Akan* possui.

Cosmopercebo e sinto por todas as vias de sentidos que, a partir dessa chave ancestral, as riquezas de sabedorias estão armazenadas no chão, no terreiro de memórias que és, no solo que armazena os corpos sem vida de onde (re)nasce a vida, donde tudo se renova com a força do brotar de uma semente. A tecnologia *Sankofa* ainda me ensina que o passado está mais presente em meus caminhos do que imagino, e que uma recuperação das lascas perdidas devido ao processo violento de colonização se torna crucial para o desenvolvimento de mim enquanto ser, assim como para o entendimento e inspirações para a feitura das minhas criações artísticas.

Recupero, celebro e enfatizo a herança ancestral na pesquisa, por consequência afetando as experimentações e as criações artísticas. Minha metodologia mescla o teórico e o prático, a Escrivivência com a autoetnografia aplicadas nas Artes das Cenas, é Juntó. Já *Sankofa* (a palavra) carrega esse sentido de recuperação: “Tem uma conotação simbólica muito forte no sentido de recuperação e valorização das referências culturais africanas autóctones” (Nascimento, 1996, p. 19).

Compreendo que se *wo were fi na wosankofa a yenki*: se você esquecer, não é tabu voltar atrás e reconstruir. Ou seja, “[...] volte às suas raízes e construa sobre elas para o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de

sua comunidade em todos os aspectos da realização humana” (Nascimento, 1996, p. 20). Reafirmo essa revisitação na minha prática artística, alimentando minha inspiração em movimento e na escrita, (re)encantando a trajetória e levando em forma de performance a celebração do nosso Àṣẹ que em nós reside e os fenecimentos que passamos enquanto grupo étnico. Ainda, como nos diz, “Constituímos a diáspora do regresso; somos os povos negros que se voltam, em ritmo concêntrico, rumo à origem prístina do espírito e da história dos ancestrais, a fim de projetar o futuro” (Nascimento, 2019, p. 186).

Através desse movimento, dialogo a partir do meu chão e das raízes da ancestralidade que me habitam, que emaranham e transpassam nos estudos acadêmicos e nas apresentações artísticas.

Eu sempre soube que você encontraria o seu caminho,
de volta...

Figura 1 – Movimentos de Sankofa (27/10/2022)



Foto: Famo de Xangô. Fonte: arquivo pessoal.

Conclusão

Assim, Juntó Dançando *Sankofa* é pesquisado usando as premissas enxertadas nesse Baobá para alcançar voos na composição da cena, transcender o escrito e vazar pelos poros, através dos movimentos corporais e das escolhas epistemológicas e metodológicas aqui assumidas. O corpo é sempre a nossa âncora e o instrumento cênico para o êxito do encontro. Ele é:

Instrumento para escrever e inscrever a própria narrativa. Potente a ponto de permitir o aparecimento de uma nova pragmática na qual o operador centra-se na totemização do corpo, espaço do agir, pensar, combater, orar e jogar. (Tavares, 2020, p. 23)

Por fim, a pesquisa é escrita, a composição e o ato são desejados a partir do fervilhar da ancestralidade. Anseio que a cada movimento embasado nessa âncora contenha o que aqui foi escrito e inscrito, sentindo na minha pele esse gingar do tempo. Afinal, “Embebecer-me da ancestralidade encontrada não é suficiente para minhas construções epistemológicas, é preciso vivê-la, senti-la entranhada em minha pele, na respiração que me tece, no coletivo que me veste” (Machado, 2019, p. 210).

O estudo é construído no caminhar mais do que no resultado em si, caminho esse que aprendi durante o percurso artístico-acadêmicos e que pretendo, sem dúvida, continuar nos frutos carregados de sementes desses Baobá, que cairá na terra novamente e brotará. Com o aprendizado de *Sankofa*, desejo que os caminhos se abram para as pessoas pesquisadoras afrodiaspóricas.

Bibliografia

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia africana**: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza: Impreco, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée. Filosofia africana para aforre-ferenciar o currículo e o pertencimento. **Rev. Exitus**, Santarém, v. 10, e020079, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602020000100251&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 dez. 2023. Epub 28-Mar-2022. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n1id882..>

- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância panafricanista. São Paulo: Editora perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) **Sankofa**: matrizes africanas da cultura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.
- RIBEIRO, Katiúscia. **O futuro é ancestral**. Le monde diplomatique e coluna Anpof. Brasília, 19 out. 2020. Disponível em: <https://www.anpof.org/comunicacoes/colunaanpof/o-futuro-e-ancestral>. Acesso em: 07 dezembro 2023.